

'Nós podemos acabar com a extrema pobreza'

Presidente diz desejar que seu governo seja lembrado por ter iniciado a rede de proteção social

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem que espera ver sua administração lembrada por algo além do controle da inflação e do equilíbrio fiscal. “Se eu pudesse ter um desejo, seria o de que meu governo fosse visto não só como o que fez a estabilidade econômica, mas também como o que criou o começo de uma rede de proteção social no País”, disse ele, em discurso na Granja do Torto, durante encontro com os gestores dos programas sociais federais, com os quais discutiu as estratégias de combate à pobreza.

Na sua avaliação, ainda há muito o que fazer nesse campo e os efeitos das mudanças só serão perfeitamente percebidos daqui a 20 anos. Mesmo assim, afirmou ele, é possível acabar “com a indigência, com a pobreza extrema no Brasil”. Fernando Henrique também criticou as prefeituras que, “por ineficiência”, deixam de usar bilhões que estão à disposição para financiar programas sociais.

Melhoria dos índices – Fernando Henrique acredita que a melhoria dos índices sociais obtida na última década pode ser conferida no censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que classificou de “órgão estritamente técnico, que não está sujeito a interferências políticas”. Segundo ele, os dados de comparação do censo de 1991 com o de 2000, que estarão disponíveis em uma semana, vão mostrar que “a década de 90 não foi perdida, ao contrário, foi de avanço significativo na área social”.

O DISCURSO

São estes os principais trechos do discurso do presidente Fernando Henrique:

Extrema pobreza – “O caminho está feito. E, como diz a Wanda Engel (secretária de Assuntos sociais do governo), podemos acabar com a indigência no Brasil, com a extrema pobreza. Os números são usados politicamente. Cada um inventa um número, uma linha de corte. Isso não tem muita importância para o povo.”

Volta da inflação – “Se não se mantiver o fim da inflação, a pobreza, a miséria, volta logo. Tem gente propondo uma ‘pequena’ inflação de 15% ao ano. Em cinco anos dá 100%. A pobreza volta na hora. Quem propõe aumento da inflação propõe aumento da pobreza. Automaticamente. O que não significa que tem de ser zero de inflação.”

Falta de divulgação – “Temos de informar mais a própria mídia (sobre os projetos na área social). Acredito que, com o avanço desses programas, a própria população carente force as prefeituras a avançar. Leva tempo. Temos visto que existe até excesso de dinheiro – que não é excesso, é falta de bom uso dele. O ministro da Fazenda



Joédson Alves/AE

“ O Estado que estamos mudando é o do mal-estar social
Os chorões só vêm as razões de não dar certo. Os que
constroem uma sociedade melhor não podem pensar assim
Acabou o clientelismo, acabou o fisiologismo. Pode até
haver uma denúncia aqui, outra ali, todas investigadas.
Mas o apetite voraz da corrupção já não existe mais ”

reclamou recentemente que temos não sei quantos bilhões disponíveis e não gastos. Não gastos por quê? Uma parte por questões de infra-estrutura, de meio ambiente, questão dos procuradores, que reclamam, mas outra parte é porque não houve capacidade efetiva de a máquina gastar. E não é a máquina federal. São basicamen-

te as máquinas municipais. Está sobrando por ineficiência.”

Divisão do bolo – “Esses programas não são soltos. Estão embasados numa visão. Essa visão não é economicista, não é assistencialista. É uma visão que requer desenvolvimento econômico, rede de proteção e promoção social. Nada mais

ser executado sem abrir mão do crescimento econômico.

Queixa – Depois de anunciar a criação de um cadastro único dos brasileiros carentes, o presidente queixou-se de que “os números são usados poli-

negativo e errado do que dizer: ‘Vamos esperar a economia crescer para dividir o bolo.’ Não é o que nós estamos fazendo. Mesmo quando a economia não cresce muito é preciso continuar dividindo o bolo.”

Bem-estar social – “O Estado que estamos mudando é o Estado do mal-estar social. Estamos plantando os fundamentos do Estado do bem-estar social. Para chegar a ele, precisamos de muito mais crescimento econômico, muito mais participação, muito mais capacidade efetiva de transformar o desejo em realidade.”

Chorões – “Se não tivermos vontade de transformar, há mui-

ticamente” e garantiu que as acusações contra sua política social são vazias. Ele avaliou, no entanto, que o povo não se importa com essa discussão.

“O governo tem muito mais do que vontade política, está quebrando estruturas”, disse,

tas razões para dizer: ‘Ah não vai dar certo.’ Os que eu chamo de chorões só vêm as razões de não dar certo. Os que constroem uma sociedade melhor não podem pensar assim, têm de pensar o que se pode fazer a despeito de tudo. Os que querem ter uma visão mais cética encontram sempre elementos de ceticismo num país como o Brasil que desde o seu descobrimento tem uma desigualdade brutal.”

Apetite da corrupção – “Acabou o assistencialismo estatal, acabou o clientelismo, acabou o fisiologismo. Os escândalos foram diminuindo e as fraudes também. Pode até haver uma denúncia aqui outra ali, todas investigadas. Mas o apetite voraz da corrupção já não existe mais.”

Visão imediatista – “Os efeitos das mudanças que estamos introduzindo no Brasil – educação, saúde, acesso à terra – só serão sentidos nos próximos 10, 20 anos. Todos aqueles que têm uma visão imediatista, que querem ter de imediato seu nome ligado a um programa, fazem mal ao País, não pode ser de imediato.”

Década de avanços – “Vai ser comparado o censo de 1991 com o do ano 2000. Aposto como as mudanças estarão registradas nesses números. Mais algumas semanas e veremos. Vamos ver que a década de 90 não foi perdida, foi uma década de avanços significativos nas áreas sociais.”

acrescentando que tudo faz parte de “uma luta político-ideológica”. Fernando Henrique ouviu ainda queixas de vários gestores de projetos sociais a respeito da má divulgação do trabalho que está sendo feito. (Tânia Monteiro)